

CARLA VALÉRIA LIMA DA SILVA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista da Coordenadoria de Extensão
carlavaléria.arq@gmail.com

GABRIELA V. CAVALCANTE PESSÔA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
gvcpeessoa@gmail.com

MARIA LUISA DE C. VIÉGAS MACHADO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
mlcvmachado@gmail.com

VINICIUS GODOY DE MELO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
viniciusgodoy01@gmail.com

PARQUE MUNICIPAL DE MACEIÓ:

A POÉTICA DO ESPAÇO

INTRODUÇÃO

O presente artigo dedica-se a mostrar outra face do Parque Municipal de Maceió, que é comumente visto pela população apenas como uma área de preservação. Para tal, propõe-se expor qualidades, particularidades e aspectos sensitivos de forma subjetiva, descrevendo por meio de textos poéticos as sensações e percepções proporcionadas ao caminhar e experimentar o parque.

Recorreu-se a conceitos de diversos autores que tratam de temas relacionados à ideia de corpo sensível, físico cognitivo, e o espaço na arquitetura, ilustrando como o homem pode experimentar o espaço além da prática visual, tal como que sua sensibilidade pode alavancar pensamentos subjetivos por meio de experiências próprias.

CORPO SENSÍVEL: UM OLHAR PERCEPTIVO

O parque, apesar de simples, é cheio de expressividade e qualidades próprias. A visita foi uma forma de buscar compreender o espaço físico do parque, e ao percorrê-lo, exercitar a apreensão das características sensitivas e subjetivas do mesmo.

Steven Holl (2011) afirma que “uma consciência de nossa existência única e própria no espaço resulta crucial no desenvolvimento de uma consciência da percepção.” Assim, questiona-se se podemos experimentar satisfatoriamente a percepção espacial, já que vivemos em um mundo de espaços construídos, rodeados de objetos físicos (HOLL, 2011), no qual “o consumo torna-se o principal fator das relações e das práticas sociais” (SOUZA, 2011).

Engel (2009) atesta que a percepção vai além da concepção visual, considerando o corpo como ser multifacetado, dotado de capacidades físicas e mentais, e que se relaciona pessoalmente com o lugar. Acerca dos sentidos, Pallasmaa (2005) diz que “[...] uma arquitetura que intensifica a vida deve provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir a nossa imagem de indivíduos com a nossa experiência do mundo”. A experiência sensorial consiste na interação entre meio externo e o organismo, onde em primeiro modo têm-se as sensações e, em seguida, essas informações são conduzidas ao cérebro, estimulando a percepção (GUEDES, 2012).

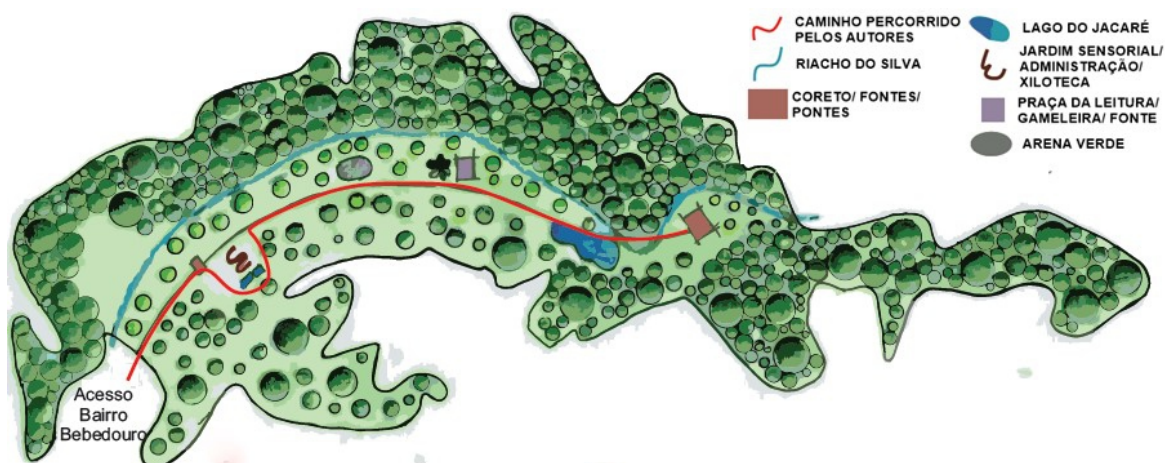


Figura 1: Arte digital: Planta de cobertura vegetal com os pontos do parque.
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.

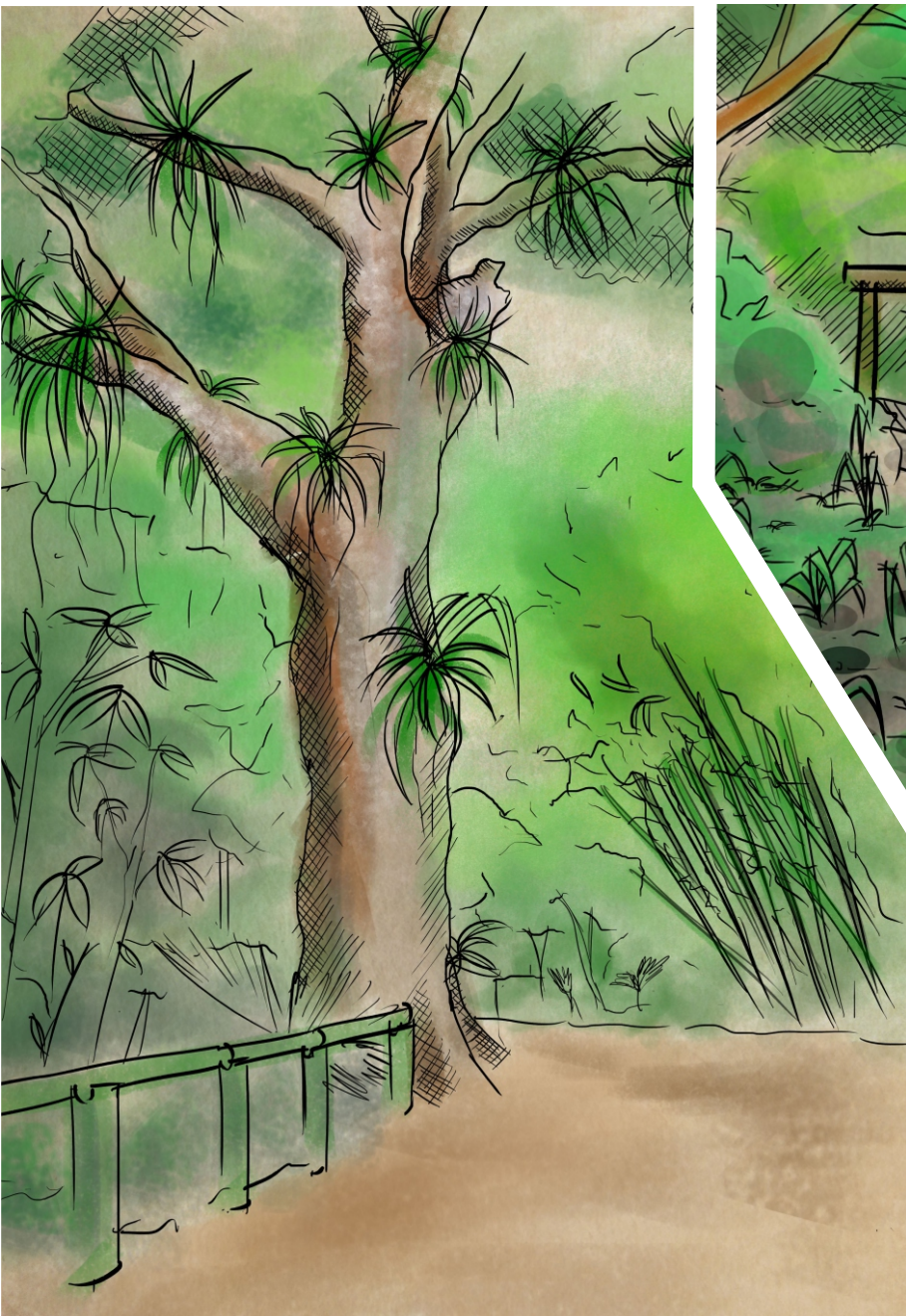


Figura 2 (esq.): Arte digital: Mangueira, Parque Municipal de Maceió.
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.



Figura 3 (dir.): Arte digital: Sombras feitas pelas árvores do Parque Municipal de Maceió.
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.

Por meio desse raciocínio, o parque, sendo uma área natural, pode ser considerado um lugar satisfatório para se desenvolver a experimentação do espaço, estimulando os cinco sentidos. Deste modo, os poemas foram desenvolvidos através dessa experimentação pessoal dos autores no lugar, em que foram atribuídas percepções subjetivas para cada sentido humano.

Observou-se como as particularidades do Parque Municipal, tais como a vegetação nativa, o bambuzal, o riacho, os pássaros, etc., se relacionam para criar a expressividade local manifestada através da visão, do tato, da audição e do olfato.

CON-TATO

Paisagem assim...que te textura.

Os sons que piso traduzem-se em toque, que aveludado me abraça, entre a manhã fresca por onde o vento escorre. A pele encontra caminhos e em elo abarca o entorno.

Tudo me toca, em todos os sentidos. Meus poros feito olhos, fazem da palma da mão uma experiência pulsante. Em um caminho, que de segundo em segundo, não cansa em mudar.

A folha que derrama e pousa entre as sombras traz um vai e vem próprio, em um caule feito de elástico. Sentir ao tocar. Compor um traçado áspero ao percorrer seu feito. Percebe-se seca, e então memória. Tal é a folhagem longa daquela planta no jardim. Que mesmo desconhecida posso beliscar e cheirar um sonho ao esticar seu talhe arrepiado.

Sem esforço, percebo o contato, e não preciso me desviar, é no andar que sinto todos os membros da paisagem inclinados sobre mim.

Tudo me toca, em todos os sentidos.

LUZ E SOMBRA

Contrastes. O que vemos é a dança da luz com as copas estampadas no chão. É uma arte. A arte da natureza.

Tudo ali conversa. E não é uma conversa apenas sonora. Quando a luz ousa ultrapassar o teto verde de folhas e flores, ela parece brincar com o chão de uma forma única, formando um inusitado desenho ao longo dos caminhos que percorro. A medida que me movo faço parte do lugar, minha sombra abraça a luz do chão.

Surpresas. Tudo pode mudar em segundos, o parque se modifica de acordo com o tempo, basta uma nuvem esconder o sol das folhas que o parque entristece, dorme, escurece. O que me conforta nesse momento são as grandes clareiras: Arena Verde, Praça da Leitura, Lago do Jacaré, a entrada e a área das fontes e pontes.

SONORO

Chego na estrada, sol a pino. Embragado de calma faço curvas, sem conhecer o meu destino. Vou adiante, sem medos. Deixo o bosque silente murmurar-me os seus segredos. Caminhando faço quebrarem as folhas. Uso o chão de instrumento. Produzo melodia juntamente com o vento.

O bambu, logo de cara demonstra empolgação. Balança e estala, pedindo atenção. A mata compete, roçando os galhos. O riacho não se envolve, vai a pedra acalantar. O pássaro, faceiro, sobe na árvore e põe-se a cantar.

Sobre mim o céu sorri, penteado pelas árvores. Para minha surpresa, ouço de perto o avião. Distraído pelo som do bosque, não lembrava assim tão próxima estar da civilização.

EM CORES

A paisagem almeja o romper de um novo dia para revelar seu colorido semblante que, enquanto noite, era oculto em sombras, delineado somente pela pálida luz do luar. O contentamento de um dia vindouro se traduz na harmonia tonal do cenário natural.

No azul céu o sol brilha ao alto, refletindo luz aos olhos do apreciador que observa as cores da natureza, exibindo com primazia a verde leveza das folhas que se ajuntam formando frondosas árvores, sustentados por robustos, ou até mesmo delgados caules, matizados de marrom.

De rosa, vermelho ou até laranja, as flores, formosos pontos de cor, se entrelaçam ao verde tão expressivo nos arredores, atentando a vista de quem espreita as minúcias do lugar.

E o rosto alegre que vê na natureza seu contentamento, na claridade de um dia de sol, em um nebuloso tempo, de tristeza, poderia ver sua face refletida nos pálidos tons que a pouca luz dá.

Figura 4: Arte digital. Fonte da Leitura, Parque Municipal de Maceió
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.



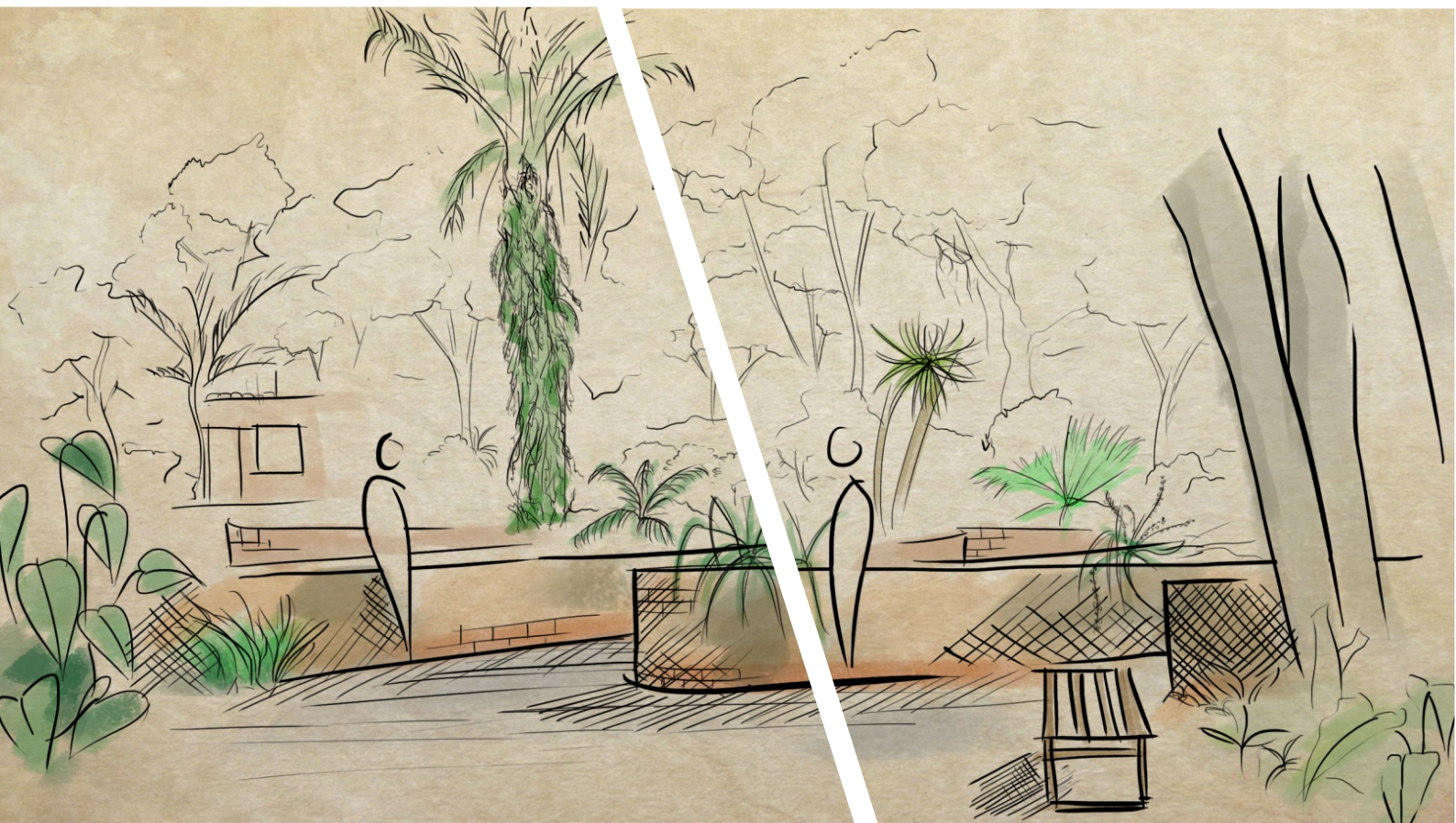


Figura 5: Arte digital: Jardim sensorial do Parque Municipal de Maceió
 Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.

EXALAR

Caso eu não pudesse ver, nem ouvir. Se minhas mãos estivessem presas, os pés calçados, a boca fechada. Caso desconhecesse o caminho, e sozinho estivesse. Ainda assim percorreria.

Os odores atizados pela brisa seriam tão brilhantes quanto mais belo guia.

O cheiro confuso das árvores a crescer, mudas que falam por perfumes únicos.

A terra que alguém molha exala o mesmo da chuva quando cai. Um canto seco, outro abafado, aquele livre, desabrochado, feito a fragrância que eclode das flores salpicadas no caminho.

Pela trilha alguns odores se misturam, embalados chegam até nós. Desconhecendo muito deles, logo penso: Não seriam eles o cheiro do vento?

CONCLUSÃO

A pesquisa proporcionou o conhecimento do Parque Municipal por outro ângulo, compreendendo aspectos subjetivos e sensitivos por meio de visitas ao espaço público. Pôde-se adquirir uma grande sensibilidade, no que se diz respeito ao cuidado, amor e carinho pela natureza e

tudo que ela abrange. Os autores sentiram na pele a complexidade da "selva verde entre selva de pedra" e esta experiência gerou frutos, que não se restringem ao produto final do trabalho, descobrindo outras formas de se apreender o espaço, principalmente o da arquitetura, como Juhani Pallasmaa (2005) garante que "toda experiência com a arquitetura é multissensorial".

REFERÊNCIAS

- GUEDES, Renata M. C. **Os Cinco Sentidos e a Arquitetura: Projeto de uma livraria**. 2012. 64 f. Trabalho de graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2012.
- ENCEL, Pedro. **Produzindo um corpo sensível. Algumas ideias para (re)pensar a aprendizagem da percepção na formação do arquiteto**, 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.106/67>>. Acesso em: 07 ago. 2015.
- Igor Fracalossi. **"Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura / Steven Holl"** 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>> Acesso em: 07 Ago. 2015.
- SOUZA, Michel A. **A sociedade do consumo e a vida do espírito**, 2011. Disponível em <http://www.ecodebate.com.br/2011/11/01/a-sociedade-do-consumo-e-a-vida-do-espírito-artigo-de-michel-aires-de-souza/> Acesso em: 07 ago. 2015.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da Pele**. 1 ed. São Paulo: Bookman, 2011. 76 p.